

Linhas do tempo: poética e representação do idoso nas artes visuais

Diego da Silva Carvalho¹
José Raimundo Magalhães Rocha²

¹Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: diego-carvalho001@outlook.com.

²Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Docente do curso de Artes Visuais da UFBA. E-mail: zederocha@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo apresenta o resultado de uma pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) que foi desenvolvido no período de agosto de 2014 a fevereiro de 2015 e teve como foco a representação do idoso na história das Artes Visuais. Essa pesquisa partiu da constatação da pouca reflexão sobre o que é o envelhecimento e buscou compreender como a arte, principalmente a linguagem do desenho, pode nos ajudar a compreender e discutir o assunto. Portanto, além do trabalho teórico, essa pesquisa se complementou com uma exposição de desenhos criados a partir das experiências vividas neste período. Na tentativa de tecer ligações e discutir a respeito da representação do idoso nas Artes Visuais, do que o envelhecimento representou ao longo do tempo e vem representando na atualidade, procurou-se subsídios em artistas e teóricos pertinentes ao assunto.

Palavras-chave: Idoso; Representação; Desenho; Linha; Processo Criativo.

Time lines: poetics and elderly representation in the visual arts

ABSTRACT

The present text presents the results of a survey (Course Conclusion Paper) that was developed from August 2014 to February 2015 and focused on the representation of the elderly in the history of the visual arts. This research started from the assessment and the insufficient reflection on what the aging process is, as well as it sought to understand how art, mainly the language of drawing, can help us understand and discuss it. Therefore, besides the theoretical work, this research is supplemented by an exhibition of drawings created from the experiences during this period. In an attempt to make links and discuss about the elderly representation in the visual arts and about what aging represented over time and represents today, subsidies were sought in artists and theorists pertinent to the subject.

Keywords: Elderly; Representation; Drawing; Line; Creative Process.

INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em Artes Visuais, que tem como principal objetivo a preparação do discente para exercer a educação de crianças, jovens e adultos por meio da arte, permite, pelos conhecimentos adquiridos, ampliar a compreensão do campo da sociedade. Com isso, nos deparamos e discutimos maneiras de levar a Arte como forma de conhecimento para diferentes tipos de educandos e, dentro dessas discussões em torno da sociedade, o indivíduo idoso não passou despercebido.

Com esse ponto de vista, a pesquisa intitulada *Linhas do Tempo: poética e representação do idoso nas Artes Visuais* teve como um dos seus principais objetivos abordar e discutir como o idoso vem sendo representado ao longo do tempo e como essas representações refletem visões estereotipadas ou positivas em relação ao mesmo.

Este trabalho foi desenvolvido no diálogo entre dois momentos distintos. Inicialmente, uma pesquisa teórica abordando a representação do idoso pelo viés da História da Arte, chegando a tecer uma breve análise dessas representações dentro das atuais mudanças ocorridas na sociedade, momento inicial da pesquisa no mês de setembro a dezembro de 2014. Também, uma pesquisa prática em processos de criação artística que, utilizando-se do material teórico coletado, culminou em uma exposição de desenhos. Tal exposição, que foi realizado no Centro de Cultura João Gilberto na cidade de Juazeiro -BA, pretendeu levar ao público uma discussão sobre como a linguagem do desenho, em um contexto poético, possibilita a representação do idoso de maneira crítica, desenvolvida entre os meses de novembro de 2014 a janeiro de 2015.

Como metodologia para a pesquisa teórica, realizou-se um levantamento histórico a partir da leitura de Ernest Gombrich (1999) e Umberto Eco (2007); também, aprofundou-se o assunto através dos dados levantados pela antropóloga Miriam Goldenberg (2013). Como embasamento metodológico para a realização dos trabalhos artísticos, partiu-se da leitura de autores que tratam de processos criativos, como Cecília Almeida Salles e Fayga Ostrower (2012).

A representação do idoso na História da Arte

Discutir e analisar a representação do idoso ao longo da História da Arte é tarefa complexa. Ao analisar algumas das obras mais representativas, o contexto histórico e estético em que as mesmas foram produzidas e, baseando-se nos autores Gombrich e Eco, podemos apontar que, em muitos momentos da História da Arte, desde os povos pré-históricos, a representação do idoso foi muito esparsa se comparada às imagens de indivíduos jovens, que tanto balizaram as representações do ser humano em diversos momentos da História da Arte.

Na Arte Egípcia, por exemplo, predominou um contexto hierárquico baseado no poder; as representações humanas pintadas ou esculpidas diziam respeito aos indivíduos de poder daquela época: os faraós e deuses eram o grande objetivo para fazer Arte. Também na Idade Antiga, podemos falar um pouco sobre a Arte dos Gregos que, para Ernst Gombrich (1999), representou “o reino do belo”. Na busca pela harmonia, os artistas gregos, *grosso modo*, não encontravam na imagem do idoso um padrão a se seguir. O idoso não fazia parte de um modelo que poderia se chamar de belo, suas feições e características destoavam do que os gregos buscavam.

Já na Idade Moderna, principalmente no período do Renascimento, com a criação de academias e pelo grande número de artistas com habilidades e técnicas bem desenvolvidas, a Arte alça um novo patamar e novas implicações para a sociedade. No caso da representação dos idosos, podemos apontar, dentre outros, alguns desenhos realizados pelo italiano Leonardo da Vinci (1452-1519). Tendo a linguagem do desenho como um de seus principais recursos de estudo, Da Vinci realizou diversos esboços e ilustrações de corpos humanos dissecados, retratando o idoso (Figura 1) a partir de seus interesses sobre a constituição física dos mesmos.



Figura 1. Leonardo da Vinci, sem título, s/d.
Fonte: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/568/leonardo-da-vinci-o-desbravador-do-corpo-humano>.

Esses são apenas alguns exemplos a partir dos quais podemos concluir que, devido ao seu papel social em determinadas épocas históricas, houve um tratamento estereotipado dado à representação dos idosos que, conseqüentemente, privilegiou uma espécie de invisibilidade dos mesmos na sociedade. A imagem do idoso representou, por muito tempo, apenas o lado ruim da vida, ou seja, a doença, a morte e a invalidez.

O semioticista italiano Humberto Eco, em seu livro *A História da Feiura* (2007), nos traz um grande registro de obras e autores que pintaram ou esculpiram o idoso com essas características mencionadas. A imagem do idoso foi tratada, na maioria dos exemplos encontrados e citados por Humberto Eco (2007), como alegoria do feio, da bruxaria, da doença e da morte.

A imagem da bruxa, que até os dias atuais representam seres míticos que estão ligados à maldade e crueldade, é caracterizada como uma pessoa idosa, normalmente uma mulher. Esta mulher idosa apresenta seu rosto com expressões sombrias e faz alusão a esse ser que tem como função atingir a sociedade por meio de suas maldades ou seus conhecimentos sobre ervas medicinais. Sobre isso, Eco (2007, p. 203) afirma:

Seres diabólicos capazes de feitiçarias, filtros mágicos e outros encantamentos existiam desde a mais remota antiguidade. As chamadas bruxas eram velhas curandeiras que diziam conhecer ervas medicinais e outros filtros. Algumas eram

pobres embusteiros que viviam da credulidade popular, outras estavam convencidas de que mantinham relações com o demônio e eram casos clínicos. Mas as bruxas representavam uma forma de subcultura popular.

Podemos encontrar referências ao idoso como um ser ligado diretamente à bruxaria em obras de diferentes momentos da história, mais principalmente entre os séculos XVII, XVIII e XIX. Nestas obras, percebemos claramente a representação do idoso como uma bruxa, o ser que detém poderes sombrios e que simboliza a maldade (Figura 2).



Figura 2. Salvator Rosa, A bruxa, 1640-1649. Fonte: Eco, 2007.

O idoso também teve sua representação ligada à doença. A sua representação era estereotipada, os idosos simbolizavam a feiura corporal, vistos como portadores de enfermidades. Não somente o idoso, mas também os deficientes e pessoas ditas anormais ou excluídas eram tratadas dessa maneira, como afirma Humberto Eco (2007, p. 303):

O fascínio pela doença afirma-se igualmente nas artes figurativas, seja quando o artista representa, idealizando-o, o exausto abandono de uma beleza às portas da morte ou o lento decurso de uma enfermidade, seja quando representa de maneira realista os excluídos da sociedade, fragilizados por aqueles males denominados velhice ou pobreza.

Como podemos perceber, durante muito tempo, a imagem do idoso manteve-se vinculada a aspectos e situações negativas a partir de determinadas relações sociais que privilegiavam tais representações. No início de nossa análise, o que vimos foi a representação do idoso pobre, que por não estar mais ligado ao padrão não só estético da sociedade, mas também aos padrões de trabalho, foi visto e representado como um ser inválido e com características que depreciaram sua forma. Contudo, talvez a exceção a essas regras ocorram quando a representação do idoso foi relacionada à riqueza.

Ao observar e analisar retratos de pessoas que foram importantes em uma determinada época ou para um povo, ou tinham algum tipo de poder, seja financeiro, político ou religioso, a representação do idoso mudava de acordo com esse *status*. As alusões a um ser frágil, inútil e inválido não faziam parte dessa representação. Sua imagem era representada com todas as riquezas e valores que o mesmo tinha. Como, por exemplo, nos retratos de Reis, Rainhas e Papas.

A representação do Idoso na Sociedade Atual

Considerando o aumento da expectativa média de vida do homem, na atualidade, a pessoa idosa vem ganhando espaço na sociedade. Deste modo, observa-se que o idoso vem participando e sendo aceito, cada vez mais, nos círculos sociais; além de permanecer por mais tempo no mercado de trabalho.

Além disso, o idoso também vem ganhando um maior espaço nas Escolas e Universidades. Sendo assim, ele está presente nas salas de aula, como por exemplo, na Universidade Federal do Vale do São Francisco, a qual aprovou a criação da UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade), que privilegia a execução e discussão da educação continuada. Nessa perspectiva, nota-se que a inclusão incide em um ponto de atenção governamental dos tempos atuais. Em geral, distintos tipos de inclusão são referidos, como a inclusão de pessoas com Deficiência, Inclusão Digital, Inclusão Escolar, entre outras. No caso da pessoa idosa, ela existe para que cada vez mais barreiras sejam superadas e que o idoso se aproxime às condições de oportunidades à socialização, assim como os jovens já detêm.

Muitas ações sociais dispensadas à Terceira Idade tentam desmistificar e revelar as potencialidades e qualidades do idoso. Hoje, o idoso tem um papel importante na sociedade, com leis de proteção e direitos reservados. Todavia a discriminação ainda é um ponto a ser vencido, visto que se faz necessário um distanciamento da visão estereotipada do idoso como uma pessoa velha, improdutiva e em estado doentio.

A antropóloga Mirian Goldenberg desenvolveu uma pesquisa em torno da questão da velhice na sociedade brasileira e durante 20 anos estudou e entrevistou homens e mulheres. Esta pesquisa teve como conclusão a publicação do livro intitulado *A Bela Velhice*.

Segundo Goldenberg (2013), falar sobre o idoso atual é falar sobre uma geração de novos idosos, onde a beleza transparece na sua relação com o mundo:

São de uma geração que transformou comportamentos e valores de homens e mulheres, que tornou a sexualidade mais livre e prazerosa, que inventou diferentes arranjos amorosos e conjugais, que legitimou novas formas de família e que ampliou as possibilidades de ser pai, mãe, avô e avó. Estes belos velhos inventaram um lugar especial no mundo e se reinventaram permanentemente, continuam cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus e etc. não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos. Eles como tantos outros belos velhos que tenho pesquisado, estão rejeitando estereótipos e criam

do novas possibilidades e significados para o envelhecimento.

Sobre esses belos velhos, como denomina Goldenberg, prevalece à ideia de que, no momento em que o idoso vem ganhando espaço e autonomia para reivindicar seus direitos e seu lugar na sociedade, há uma tendência de desassociar a imagem desses indivíduos apenas a questões negativas e pejorativas.

Nesse contexto, alguns artistas contemporâneos procuram enfatizar em seus trabalhos a presença do idoso, abrindo a produção artística para tratar de temas como a inclusão, os estereótipos de beleza e os novos paradigmas do bom envelhecimento. Alguns desses artistas, estudados durante a pesquisa, foram a baiana Barbara Tércia, o fotógrafo Álvaro Villela e a artista americana Aleah Chapin.

Destaco aqui a artista Bárbara Tércia, que foi uma importante referência no momento de realização da pesquisa prática e artística incluída nesse trabalho. Isso se deve ao fato de que Tércia produziu uma série de obras tendo como recurso precursor do trabalho as rugas existentes na pele de sua mãe (Figura 3). A partir destas rugas – tratadas como desenhos pela própria artista – criou 100 serigrafias que formaram uma instalação.



Figura 3. Bárbara Tércia, Linha Mãe: Tempo sobre pele, 2011. Fonte: http://www.aceubahia.org.br/cultural/gal_virtual.asp?id=88&p=1.

Sobre esse trabalho, titulado de *Linha Mãe: tempo sobre pele*, a artista comenta:

O tempo grava diariamente na nossa pele. Cria rugas, como são comumente chamadas. Para mim, são linhas, desenhos. Fui adotada com três meses de idade e minha mãe já tinha 56 anos, em todas as minhas lembranças as rugas sempre estiveram presentes. Aprendi muito sobre linhas olhando seu rosto. As rugas sempre foram para mim linhas novas interessantes gravadas em seu corpo. (TÉRCIA, 2011)

O desenho e a representação do idoso

Por que o desenho?

Em termos práticos, qualquer Linguagem Artística pode ser utilizada para criar

obras artísticas a respeito da representação do idoso: Pintura, Gravura, Cerâmica, Fotografia, entre outras.

Mas tratar de desenho implica não somente discutir suas técnicas voltadas para a realização de uma imagem. A linguagem do desenho envolve tanto uma atividade prática, o trabalho com as mãos e os materiais ligados à Arte, mas também tem um envolvimento com o pensamento, com o intelecto. Sobre isso, a pesquisadora portuguesa Ana Leonor Rodrigues (2003, p. 9) comenta:

Um desenho é um conjunto de linhas sobre um papel, feitas diretamente com a mão, que resulta nesse objeto comum. O objeto que está presente em tantas atividades humanas e é tão importante para determinados desenvolvimentos do conhecimento e das artes, que requer mais atenção do que um primeiro olhar deixa supor.

Desenhar não só implica um gesto controlado da mão, como envolve processos mentais e capacidades de abstração tão complexos que são, em si mesmos, um desafio para estabelecer a aproximação ao que tenderá para uma definição.

Ao analisar como o desenho poderia ser relacionado ao foco principal dessa pesquisa, constatamos que as rugas e a pele flácida presentes nos corpos dos idosos poderiam ser aproximadas de marcas gráficas, traços, linhas da linguagem do desenho. A partir deste momento, a linha tornou-se o ponto chave para o desenvolvimento dos processos de criação artística desenvolvidos durante a pesquisa, a partir de associações criadas com o objeto de pesquisa, evidenciando as linhas de expressões faciais dos idosos.

Com essas inquietações e definições a respeito da linguagem que seria abordada na prática, partiremos agora para um breve relato do processo criativo empreendido, apresentando como se deu esse caminho de experimentações.

O processo de criação

A criação inicia-se, sobretudo, pelo viés da sensibilidade. Estar receptivo é um ponto importante para que a criação se dê por completo. O artista necessita se doar para a Arte, para que a própria Arte lhe doe algo concreto, como uma troca. A sensibilidade ampliará os olhares, as percepções, os sentimentos e, sobretudo, um dos principais fatores da criação, o pensamento associativo. Fayga Ostrower (2012, p. 12) comenta sobre o ser sensível e nos fala sobre essa sensibilidade que todos possuem:

Como processos intuitivos, os processos de criação interligam-se intimamente com nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade. Inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade.

Inicialmente, a partir de especulações sensíveis, tínhamos como principal objetivo estabelecer uma representação contemporânea dos indivíduos idosos. No entanto, os primeiros desenhos produzidos apresentaram um resultado ilustrativo sobre a temática dos idosos, apenas retratavam alguém no estado da Terceira Idade (Figura 4).

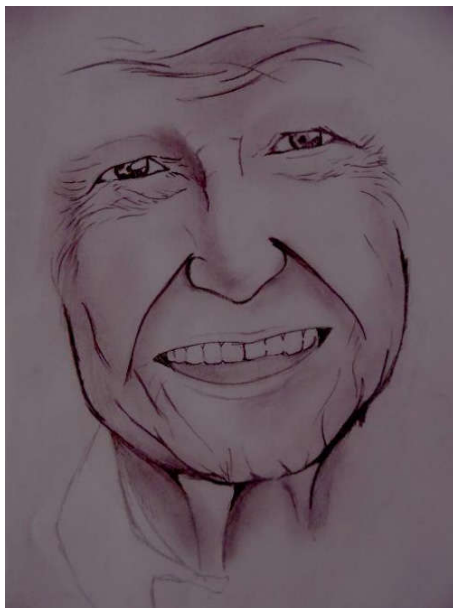


Figura 4. *Estudo n° 2*. Grafite s/ papel, 30 x 20 cm, 2014. Fonte:Arquivo do autor.

Percebemos que, para alcançar maior profundidade conceitual nos trabalhos subsequentes, seria preciso que estes desenhos contassem algo mais, histórias que fossem além da técnica do desenho. Com isso, começamos novas experimentações.

Adotamos um procedimento diverso a partir do qual começamos a fazer recortes de determinadas áreas dos rostos encontrados em fotografias, sem acrescentar limites e abrindo mão da técnica de esfumacar o grafite (Figura 5). Pois, havíamos elegido e compreendido, como fatores de relevância para o trabalho, a linha, o traço, as marcas.



Figura 5. *Estudo n° 4 e n° 5*. Grafite s/ papel, 10 x 13 cm, 2014. Fonte:Arquivo do autor.

A partir desses novos pressupostos, passamos a compreender quais seriam os pontos de maior interesse para a realização das experiências práticas que se seguiriam. Passamos a trabalhar em focos de determinadas partes do rosto dos idosos, como os olhos, a boca, a pele em geral. A partir dela, pudemos estabelecer relações entre as linhas que o grafite e o carvão proporcionavam ao riscar o papel com as linhas de expressão e marcas faciais presentes na pele do idoso.

Dando prosseguimento às experimentações artísticas, passamos a um procedimento de ampliação na dimensão dos desenhos. Os objetos representados nessas obras, ou seja, partes ampliadas de corpos de pessoas idosas começaram a se aproximar de abstrações (Figura 6). Surgiram direções não esperadas, formando construções que trouxeram consequências aos resultados finais do processo.



Figura 6. *Linhas do tempo n.º 2*. Carvão, grafite e pastel seco sobre papel, 80 x100 cm, 2014. Fonte:Arquivo do autor.

Sobre os resultados obtidos por meio dessas aproximações entre representação e abstração, podemos constatar determinadas teorias que afirmam que, para reconhecer determinadas imagens, nosso cérebro busca, na memória, outras imagens com as quais ele estabelece associações, entendendo assim do que se trata. Sobre a relação do olhar no momento de reconhecimento, o teórico Villem Flusser, em *Filosofia da caixa preta*, esclarece questões sobre a imagem e como se estabelece o processo de compreensão da mesma:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o ‘antes’ se torna ‘depois’, e o ‘depois’ se torna ‘antes’. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronicidade imagética por ciclos. (FLUSSER, 2002, p. 8)

A aproximação com o conceito de abstração foi uma consequência insuspeita que abriu caminho para a aplicação de procedimentos práticos a partir dos quais características gestuais na realização de traços e linhas passaram a ser um novo foco de interesse.

Como diz Rodrigues (2003, p. 58), “o traço é a própria <<história>> do movimento da mão sobre a folha de papel, e de todos os acidentes e acasos que possam acontecer durante o seu percurso”.

Além disso, na tentativa de abstrair a figura do idoso a ponto de se questionar sobre o que está sendo revelado, vislumbramos a possibilidade de estabelecer um diálogo com a questão da invisibilidade e da visibilidade.

Desse ponto de vista, a invisibilidade está diretamente ligada a questões sociais em que o idoso é estereotipado, tratado como um ser inválido, esquecido. Já a visibilidade vem à tona na tentativa de tratar a questão do idoso a partir de um novo olhar. De um ser antes esquecido, o idoso na atualidade também alude às expectativas, remete a uma qualidade de vida maior, se distanciando da ideia de doença ou invalidez.

A respeito do tema da invisibilidade do idoso na sociedade, iniciamos outra série de experimentações. Dessa vez, os trabalhos foram desenvolvidos a partir dos contrastes invertidos, com o papel preto e os traços em branco (Figura 7). Como em uma tentativa de se aproximar da aparência de um negativo fotográfico, a representação do idoso atravessa a escuridão e se faz visível, revela-se a partir de seus traços.

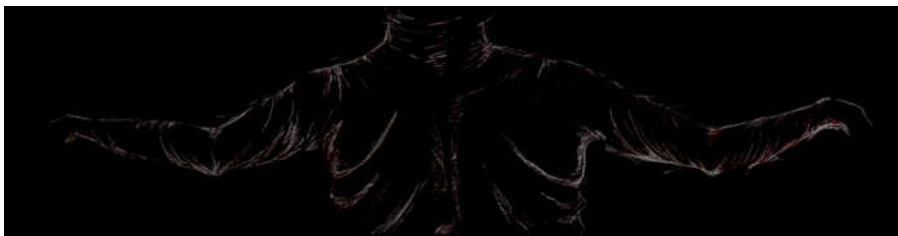


Figura 7. *Linhas do tempo nº 5.*
Giz e pastel seco sobre papel, 300 x 80 cm, 2014.
Fonte: Arquivo do autor.

Após as diversas experimentações relatadas e a partir do aprofundamento das ideias propostas pela antropóloga Mirian Goldenberg, a pesquisa prática tomou novo rumo. Em um processo dialético em que a imersão na pesquisa acabou por promover transformações no próprio pesquisador, começamos a indagar sobre nossa própria velhice, nossas projeções e desejos.

Tais conjecturas serviram de mote para a realização de uma nova série de trabalhos, tendo como procedimento, a busca de imagens de pessoas jovens, na tentativa de aplicar a gestualidade das linhas do desenho, passando a representá-las como pessoas idosas.

Escolhendo desenhar e representar os idosos a partir de pessoas jovens, obtivemos outro ponto de discussão envolvendo este trabalho. Agora, os jovens falariam de sua possível velhice, se colocando como objeto principal da discussão e não mais como um terceiro, que observa o idoso de um ponto isolado. Para tanto, com o auxílio da internet e de uma rede social, lançamos uma enquete com a seguinte pergunta: *O que você quer ser quando envelhecer?*

Na verdade, a enquete foi parte do percurso para a realização desse novo trabalho. Em seguida, escolhemos algumas das respostas dadas e nos apropriamos das fotografias que ilustravam o perfil daqueles que concordaram em participar da enquete. Como nos outros trabalhos, delimitamos uma parte do rosto presente nessas fotografias e

passamos a desenhar, aplicando técnicas lineares, na tentativa de fazer com que os jovens apresentassem a aparência de quem possui mais idade. Uma espécie de “máquina do tempo”, justapondo as respostas dos entrevistados – repletas de desejos e suposições quanto ao seu futuro – à sua própria imagem envelhecida (Figuras 8 e 9).

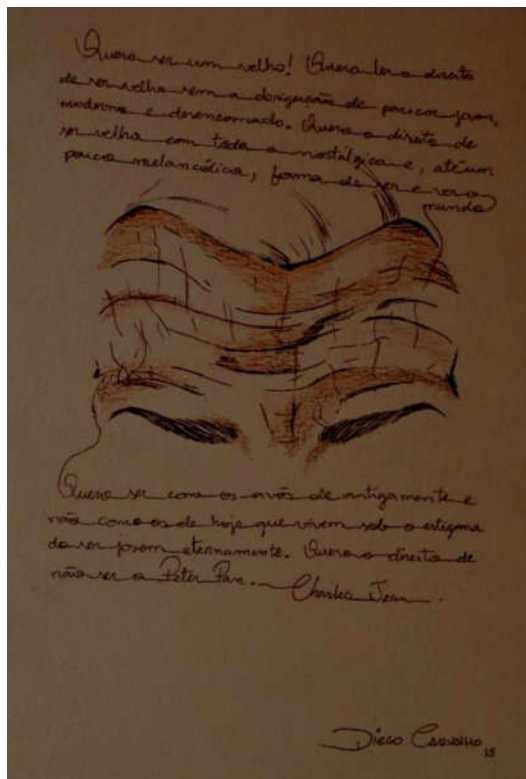


Figura 8. *O que você quer ser quando envelhecer? n° 1.* Lápis e nanquim sobre papel, 20 x 30 cm, 2015. Fonte:Arquivo do

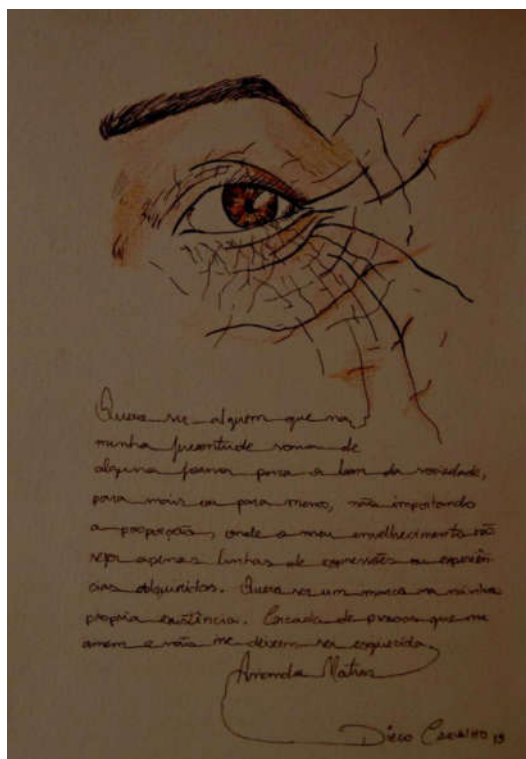


Figura 9. *O que você quer ser quando envelhecer? n° 3.* Lápis e nanquim sobre papel, 20 x 30 cm, 2015. Fonte:Arquivo do autor.

Linhas do tempo: poética e representação...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa, houve diversas dificuldades para o desenvolvimento da mesma, em primeiro momento percebi que este tema traria seus obstáculos e que não seria fácil de tratar. Mas somente durante a prática vi as reais dificuldades. Primeiramente por parte de referenciais teóricos que envolvessem o idoso, que tratassem dessa figura, seja por historiadores e/ou artistas, por outro lado tive um embasamento bem rico em torno do processo criativo, com o auxílio do meu orientador, pude ter contato com obras e autores que impulsionaram minha pesquisa adiante. Já a realização da pesquisa *in loco*, no caso das casas geriátricas, encontrei empecilhos quanto ao contato com os personagens da minha pesquisa, os idosos.

Sempre que ia fazer uma visita, algo atrapalhava, muito por não encontrar os responsáveis pelos locais, pois além desse contato que gostaria de estabelecer com os idosos também era preciso conversar com os responsáveis, saber da história desses lares, para que por fim pudesse ter a permissão de visitá-los e desenvolver minha pesquisa. Mas com o tempo consegui realizar o planejado, dificuldades sempre acontecem e cabe a nós pesquisadores encontrar soluções para melhor chegarmos ao objeto de pesquisa.

Como vimos, os idosos foram representados de diferentes formas, sejam elas positivas ou negativas, ao longo do tempo e das diversas culturas. As imagens que analisamos e criamos ao longo dessa pesquisa não serviram apenas como ilustração desse tema, mas nos proporcionaram um novo olhar, um novo entendimento, criando novos laços e novas leituras sobre o que foi exposto a respeito das mudanças sociais relativas à representação do idoso ao longo da história da arte.

Além disso, lidar com o desenho e a linha em uma perspectiva em que o idoso é o ponto de referência proporcionou falar sobre o tempo. A cada desenho, descobrimos novas formas de ver e compreender que a velhice não se limita somente a uma passagem do tempo, mas do quanto esse tempo é capaz de revelar através das marcas que deixa.

Falar sobre o tempo impregnado na pele carregada de histórias e vivências foi crucial para nos perguntarmos: Quem é Velho? Se analisarmos criticamente o tempo e a velhice, perceberemos que todos nós somos velhos. A cada dia, hora, minuto e segundo o tempo passa, constituindo-nos como seres vivos que envelhecem a todo instante. Somos todos velhos, de diferentes formas e idades, mas, sobretudo, velhos.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **História da feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. A bela velhice. **Programa Café Filosófico**, Instituto CPFL Cultura, 27 de set. de 2013. Disponível em: <<http://vimeo.com/102667295>>.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RODRIGUES, Ana Leonor M. M. **O que é desenho**. Lisboa: Quimera Editores, 2003.

TERCIA, Bárbara. **Linha Mãe: tempo sobre pele**. Disponível em: <http://www.aceubahia.org.br/cultural/gal_virtual.asp?id=88&p=1> . Acesso em: 05 nov. 2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

CARVALHO, Diego da Silva; ROCHA, José Raimundo Magalhães. José Raimundo Magalhães. Linhas do tempo: poética e representação do idoso nas artes visuais. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 4, n. 1, p. 86-98, 2016. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 04 jan. 2016

Aceito em: 28 jul. 2016.